

CASA-GRANDE & SENZALA : DIFERENÇAS CULTURAIS E A UNIDADE BRASILEIRA.

Leda Costa
UERJ

“Com esse livro o Brasil se aceitou na sua natureza –
o que não significa se sacralizar numa essência imutável”
(Merquior.: 1981, 274).

"Que é ser brasileiro?" é o título do primeiro capítulo do livro *Caminhos do pensamento crítico* de Afrânio Coutinho, no mesmo o autor afirma que "De Gonçalves de Magalhães a Machado de Assis, de Santiago Nunes Ribeiro a José de Alencar e Sílvio Romero, até os manifestos modernistas do século XX, essa linha de pensamento é uma só na busca da síntese da nacionalidade na literatura e do caráter brasileiro nas letras" (1980, 9). Buscando responder essa pergunta vários escritores, desde o século XIX, se mobilizaram para encontrar aquilo que nos diferenciava como povo e como nação, criando através de seus escritos argumentos que, indubitavelmente, comprovassem a existência de um Brasil com feições próprias. Dar legitimação à nação brasileira foi uma das propostas que mais motivou nossos intelectuais ao longo dos anos. No Romantismo, tentamos cumprir tal tarefa através de uma literatura que exaltava nossa natureza tida como um elemento capaz de nos diferenciar da Europa. Os relatos de viajantes como Humboldt representaram valiosa fonte a partir da qual foi possível exaltar os trópicos e refutar as acusações de que a América seria o lugar onde a civilização jamais se desenvolveria.

No entanto, a geração de 1870, conhecida por abrigar intelectuais cujas idéias vinculavam-se ao positivismo de Comte e ao evolucionismo de Darwin, promove um rompimento com os ideais do romantismo baseando sua interpretação do Brasil em autores que acreditavam na inferioridade das raças oriundas dos trópicos, local onde acreditava-se ser povoado por selvagens canibais e sub-raças provenientes da miscigenação. Sendo assim, o Brasil passou a ser visto com

certa desconfiança e seu futuro tornou-se ameaçado ou até mesmo impossibilitado devido a nossa suposta inferioridade natural diante da Europa. Dentro dessa linha de pensamento, que tinha como guia o determinismo biológico, é possível diferenciarmos duas vertentes interpretativas. A primeira delas via na miscigenação um mal sem cura que, necessariamente, nos levaria à esterilidade devido ao cruzamento desenfreado entre raças diferentes. Já uma outra, acreditava que essa mesma mistura de raças possibilitaria que caminhássemos em direção a um gradativo branqueamento que, segundo homens como Silvio Romero, se concretizaria dentro de um prazo de cem anos. Mas de um modo ou de outro a miscigenação era tida como um problema, como um obstáculo a ser ultrapassado para que pudéssemos entrar no ritmo do mundo civilizado.

Se por um lado havia todo um pessimismo cercando os intelectuais que tentavam interpretar o país, houve também uma reação que tentou, através de um nacionalismo exacerbado, provocar um sentimento de patriotismo capaz de substituir a imagem negativa construída a partir daquelas idéias de determinismo racial. O maior exemplo dessa tentativa pode ser encontrado na figura do conde Afonso Celso que com o seu *Porque me ufano do meu país*, cuja epígrafe pregava "Right or wrong, my country", tentou mostrar como o Brasil é um lugar cuja grandeza não havia sido alcançada através de guerras e do excessivo derramamento de sangue, pois tratava-se de um país marcado por desígnios divinos que o tornariam uma terra privilegiada pela natural beleza e fertilidade,. O fervoroso católico Afonso Celso, então, "confiante na proteção permanente de Deus recoloca o país na trilha que julga certa e verdadeira, convertendo-o em fonte de amor eterno, porque raciocina ele, se o país é belo e se o belo é fonte de amor, segue-se logo que o Brasil gera amor" (Dimas, p. 544). Apesar dessa abordagem não endossar o pessimismo racial, ela, no entanto, não mostrava um vigor analítico capaz de superar o puro entusiasmo patriótico.

No início do século XXI, poucas mudanças podem ser notadas nas tentativas de se interpretar o Brasil e o tema da raça continua a dominar o pensamento dos intelectuais e escritores. Graça Aranha, ainda preocupado com os efeitos da miscigenação, tenta analisar com seu *Canaã* se aquela nos levará para o branqueamento ou para a degeneração. Já Paulo Prado em *Retrato do Brasil* se por um lado consegue ter a coragem de trabalhar com o tema da sexualidade brasileira, por outro o faz de maneira preconceituosa ao repetir idéias estereotipadas que viam na luxúria dos primeiros tempos coloniais um dos grandes males da nossa formação. Em ambos os casos, o que se pode perceber é a continuidade da influência do determinismo racial que impossibilitava algum tipo de abordagem que olhasse para o país sem desconfiança e pessimismo.

Nos anos 20 e 30 mudanças econômicas e sociais promoveram um contexto a partir do qual a preocupação com a legitimidade nacional ganha força. Foi decisivo nesse momento a crescente industrialização e as reformas políticas pela qual passávamos então, e que traziam à tona a vontade do intelectual brasileiro de participar ativamente da construção e organização de um país cuja legitimidade fosse dada a partir do resgate do nosso passado revisitado e revalorizado como o legítimo representante da identidade nacional. Acreditava-se que o poeta e pensador tinham nas suas mãos a missão de reinterpretar nossa cultura, e para executar tal tarefa foram buscados documentos históricos como uma tentativa de reavaliar nosso passado colonial e a partir daí encontrar valores que pudessem possibilitar a inclusão do Brasil na modernidade.

O Movimento Modernista, por exemplo, não pode ser pensado sem que se leve em conta essa proposta nacionalista. Escritores e artistas tinham como objetivo principal contribuir, através da sua participação, para uma renovação cultural necessária onde o passado e a tradição nacional revisitadas pudessem proporcionar um futuro melhor para o Brasil. Tal postura mostra que "Aqueles intelectuais, imbuídos que estavam de um sentido de missão, conscientes de que eram

atores de novos agenciamentos sociais, sentiam-se capazes de transformar a sensibilidade estética e, ao mesmo tempo, promover transformações institucionais para a organização da cultura."(Veloza.:1999, 93)

Gilberto Freyre insere-se nesse contexto modernista de mudanças sociais e econômicas. No entanto, alguns detalhes precisam ser levados em conta antes de filiarmos o sociólogo pernambucano ao modernismo de maneira precipitada. Em primeiro lugar, ao contrário da grande maioria dos intelectuais de sua época Freyre possui uma formação basicamente norte-americana. Estuda em Baylor (Texas) e se torna bacharel em Artes Liberais, especializando-se em Ciências políticas e sociais. Em Colúmbia, entra em contato com novos estudos de antropologia que tentam substituir o conceito de raça pelo de cultura. Nesse ponto é decisiva a figura do antropólogo Franz Boas a quem Freyre creditará o *status* de mestre cuja influência lhe foi decisiva: "Foi o estudo de Antropologia sob a orientação do Professor Boas que primeiro me revelou o negro e o mulato no seu justo valor (...) Aprendi a considerar fundamental a diferença entre raça e cultura" (1998, xlvii).

O deslocamento do conceito de raça para o de cultura, referido acima, é central para a estrutura de *Casa-Grande & Senzala* e nele se encontra a grande novidade deste livro, pois é através desse processo que será possível libertar o pensamento brasileiro do determinismo biológico e dar a nossa cultura autonomia e legitimidade que lhe faltavam. Se antes nossos autores viam na mistura de raças um grande problema nacional, Freyre encontrará exatamente nela os motivos pelos quais é possível vislumbrar o caráter híbrido que servirá de marca ao brasileiro. Tal hibridez surge através do processo de miscigenação que continua a ser o centro das atenções como o próprio autor afirma: "E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto quanto o da miscigenação". É importante o uso da expressão "problemas" e Freyre a usa ao lembrar-se de um episódio no qual ao retornar de viagem depara-se com marinheiros mulatos e

cafuzos cuja figura lhe incomoda por parecerem “caricaturas de homens”, cujo aspecto físico desagradável era uma consequência do processo de miscigenação. Tal explicação, no entanto, não mais vai satisfazer Freyre que já no prefácio à primeira edição de *Casa-Grande* conclui “não eram simplesmente mulatos ou cafuzos os indivíduos que eu julgava representarem o Brasil, mas mulatos e cafuzos *doentes*” (1998, xlvii). A inserção do termo *doentes* relativiza o peso atribuído à simples caracterização racial que não levasse em conta as condições físicas e sociais do meio. Mais à frente Freyre explicará os efeitos nocivos da monocultura latifundiária que ao longo dos anos traz “males profundos que têm comprometido, através de gerações, a robustez e a eficiência da população brasileira, cuja saúde instável, incerta capacidade de trabalho, apatia, perturbações de crescimento, tantas vezes atribuídas à miscigenação. Entre outros males, o mau suprimento de víveres frescos, obrigando grande parte da população ao regime de deficiência alimentar (...) A formação patriarcal do Brasil explica-se tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de ‘raça’ e de ‘religião’ do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora.” (1998, li)

A pesar de Freyre não abandonar o conceito de raça, ele não mais o encarará como uma categoria pura que pode ser dissociada do meio físico, cultural e social no qual se insere. Desse modo, é possível para o sociólogo pernambucano ver com outros olhos o papel da mestiçagem no Brasil.

A miscigenação em *Casa-Grande & Senzala* se dá, mas não em direção à pureza ou homogeneidade. A mistura de raças mantém as diferenças, não anulando os elementos singulares de cada povo. Como bem salienta Ricardo Benzaquen de Araújo a mestiçagem em Freyre assume uma concepção diferente, pois é “ao contrário do que sucederia em uma percepção essencialmente *cromática* da miscigenação na qual, por exemplo, a mistura do azul com o amarelo sempre resulta no verde, temos a afirmação do mestiço como alguém que guarda a

indelével lembrança das *diferenças* presentes na sua gestação” (1994, 44). O resultado desse processo é uma sociedade marcada pelo encontro das diferenças que são mantidas e conseguem, mesmo assim, conviver em equilíbrio. Equilíbrio muitas vezes precário e obtido através do conflito, mas que mesmo assim consegue nos manter dentro de uma unidade.

Nesse sentido há um exagero nos que acreditam que Gilberto Freyre construiu a falsa imagem de um Brasil idílico onde senhores e escravos conviviam em pé de igualdade. Na verdade, em *Casa-Grande & Senzala*, a violência é lembrada e não deixa de ser denunciada. Violência de naturezas diversas que mostra o caráter sádico do conquistador sobre o povo conquistado. Desmandos e excessos de um sistema patriarcal baseado na obediência cega às ordens da figura do pai que subjuga a todos que lhes são hierarquicamente inferiores. É importante assinalar que as relações no complexo da casa-grande apresentam uma via de mão dupla que pode levar tanto em direção à confraternização quanto para o combate entre os opostos, pode conduzir para o renascimento assim como para a morte. Um bom exemplo desse processo é o intercuro sexual entre diferentes povos que foi o responsável pelo início do livre trânsito entre as raças, mas também trouxe a sífilis doença responsável pelo considerável aumento da mortalidade entre os brasileiros no período colonial. Por isso Freyre afirma que “À vantagem da miscigenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da sifilização” (1998, 47).

Utilizando-se de fontes como manuscritos, anúncios de jornal, diários íntimos etc., Freyre resgata o passado brasileiro dando-lhe sentido e viabilizando um futuro onde a nossa grande contribuição seria uma formação social que não caminharia rumo à europeização, mas conseguiria diferenciar-se do Velho Mundo por apresentar uma origem mestiça que permite a possibilidade do intercâmbio entre povos e tradições diferentes: “talvez em parte alguma se esteja verificando com igual liberalidade o encontro, a intercomunicação e até a fusão harmoniosa de tradições diversas, ou antes, antagônicos, de cultura, como no Brasil” (1988, 52). *Casa-Grande &*

Senzala consegue, então, dar à cultura brasileira a legitimação que lhe faltava ao retirar-lhe aquela imagem pesada de país fadado ao fracasso.

Ao longo de sua trajetória intelectual é forte a preocupação do sociólogo pernambucano com a construção de uma nação a partir da diversidade e não de uma instância única que tente impor valores centralizadores. Em *Uma interpretação do Brasil* o autor vê o Brasil como um país de dimensões enormes formado por regiões que apresentam dessemelhanças entre si, que não podem ser esquecidas ou subjugadas por modelos que não levem em conta suas condições e necessidades particulares: "A inteira subordinação de diferenças históricas e geográficas a um rígido ideal de uniformidade levaria a uma forma de unidade estreita demais para um 'continente' cultural tão complexo como o Brasil" (1947, 153).

Nos dias atuais, a mistura das diferenças e o heterogêneo são elementos extremamente valorizados. Nesse sentido, *Casa-Grande & Senzala* - e a obra de Gilberto Freyre como um todo - mostra-se um estudo que a pesar das críticas recebidas ao longo de sua recepção, todas, aliás, respondidas nos próprios prefácios das várias edições do livro, conseguiu dar um passo à frente e modificou a maneira pela qual o brasileiro via a si mesmo.

Tal reavaliação e a conseqüente valorização do país é conseguida através daquilo que durante muitos anos havia sido considerado o nosso grande mal: a mistura de elementos diferentes que impossibilitaria o Brasil de se tornar uma nação capaz de atingir coerência e unidade imprescindíveis para seu ingresso no rol das nações desenvolvidas. Ao contrário desses pressupostos, a unidade nacional concebida em *Casa-Grande & Senzala* é atingida não através da imposição do homogêneo, mas do acolhimento das diferenças, sejam estas culturais, sociais ou raciais.

Bibliografia

- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. *Guerra e paz: Casa-grande & senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30*. RJ: Ed.34, 1994.
- COUTINHO, Afrânio (org.) *Caminhos do pensamento crítico*. RJ: Pallas Editora; Brasília, INL, 1980.
- DIMAS, Antonio. A encruzilhada do fim do século. PIZARRO, Ana (org.) *América latina. Palavra, literatura e cultura*. Vol. 2, SP: Unicamp.
- FREYRE, Gilberto. *Interpretação do Brasil*. Trad. Olívio Montenegro. Rio de Janeiro, 1947.
- *Casa-grande & senzala*. Formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 34ª ed. RJ: José Olympio, 1998.
- MERQUIOR, José Guilherme. Gilberto e depois. *Crítica. 1964-1989*. Ensaios sobre arte e literatura. RJ: Nova Fronteira, 1990.
- Na casa grande dos oitenta. *As idéias e as formas*. RJ: Nova Fronteira, 1981.
- VELOSO, Marisa e MADEIRA, Angélica. *Leituras brasileiras*. Itinerários no pensamento social e na literatura. Rio de Janeiro: Pa e Terra, 1999.